**REVISTA ENSINAR (RENSIN)**
DOI: https://www.doi.org/10.52832/rensin.v4.661
Home page: https://bio10publicacao.com.br/ensinar
e-ISSN: 2965-4823

# ENCENAÇÃO DE LENDAS COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA PARA ENSINAR BOTÂNICA: UM ESTUDO DE CASO

## STAGING OF LEGENDS AS METHODOLOGICAL STRATEGY FOR TEACHING BOTANY: A STUDY CASE

**Maria Cláudia Melo Pacheco de Medeiros[1*]; Elisane Lorenço Neitzke[2]; Andressa de Oliveira Piassetta[3]; Jeonice Werle Techio[4]; Patrícia Nascimento da Silva[5]**

[1]Doutora em Ciências Biológicas (Botânica) (USP). Professora EBTT (IFRS – *Campus* Sertão), RS, Brasil; [2]Licencianda em Ciências Biológicas (IFRS – *Campus* Sertão), RS, Brasil; [3]Especialista em Teorias e Metodologias da Educação (IFRS – *Campus* Sertão), RS, Brasil; [4]Doutora em Agronomia (UPF). Professora EBTT (IFRS – *Campus* Sertão), RS, Brasil; [5]Mestre em Educação Agrícola (UFRRJ). Professora EBTT (IFRS – *Campus* Sertão), RS, Brasil.
*Autor correspondente: maria.medeiros@sertao.ifrs.edu.br.

**Recebido**: 20/03/2026| **Aprovado**: 14/03/2026| **Publicado**: 06/09/2026

**Resumo:** O ensino de Botânica, baseado comumente em métodos tradicionais e descontextualizados, pode ser enriquecido a partir da utilização de recursos e estratégias diferenciadas. O presente estudo objetivou relatar a realização de encenações de lendas sobre a origem de espécies vegetais, por estudantes da educação básica do interior do Rio Grande do Sul. Para tanto, entre 2024 e 2025, 84 estudantes de segundo ano do Ensino Médio foram separados em grupos que escolheram uma das dez espécies presentes em lendas, disponibilizadas sob a forma de textos. Cada grupo realizou (i) pesquisa bibliográfica sobre características das plantas selecionadas, (ii) redação do roteiro final abrangendo os fatos narrados na lenda e as informações pesquisadas, (iii) preparação e (iv) apresentação da encenação. Foi ainda aplicado aos discentes um questionário avaliativo sobre os procedimentos empregados. No total, obteve-se 21 encenações, predominantemente gravadas em vídeo e com boa qualidade de texto, som e imagem. A maioria dos discentes relataram terem gostado da atividade, mas encontraram dificuldades em elaborar ou gravar o roteiro. Comentários positivos referentes ao caráter lúdico e colaborativo da metodologia também foram obtidos. Conclui-se que este estudo de caso confirma o potencial de estratégias lúdico-artísticas no processo ensino-aprendizagem de Botânica e Biologia, em geral.

**Palavras-chave:** Biologia vegetal. Estratégias pedagógicas. Histórias.

**Abstract:** The teaching of Botany, commonly based on traditional and decontextualized methods, can be enriched through the use of differentiated resources and strategies. This study aimed to report on the staging of legends about the origin of plant species by basic education students in the interior of Rio Grande do Sul. To this end, between 2024 and 2025, 84 second-year high school students were divided into groups that chose one of ten species present in legends, made available in text form. Each group carried out (i) bibliographic research on the characteristics of the selected plants, (ii) writing the final script covering the facts narrated in the legend and the researched information, (iii) preparation and (iv) presentation of the staging. An evaluative questionnaire about the procedures used was also applied to the students. In total, 21 stagings were obtained, predominantly recorded on video and with good quality text, sound and image. Most students reported enjoying the activity, but encountered difficulties in preparing or recording the script. Positive comments regarding the playful and collaborative nature of the methodology were also obtained. It is concluded that this case study confirms the potential of playful-artistic strategies in the teaching-learning process of Botany and Biology in general.

**Keywords:** Plant Biology. Pedagogical strategies. Stories.

## 1 INTRODUÇÃO

A Biologia Vegetal ou Botânica abrange a subárea das Ciências Biológicas responsável por estudar a biodiversidade vegetal, dedicando-se aos seus diversos aspectos evolutivos, morfológicos, ecológicos e

fisiológicos (EVERT; EICHHORN, 2013). Muito embora apresentem importância essencial para a existência e o cotidiano dos seres humanos (como na alimentação, decoração e medicina), as plantas, de modo geral, são pouco percebidas por nós, um fenômeno denominado "Cegueira Botânica" (Wandersee; Schussler, 2002). Assim, a nossa desatenção em relação aos vegetais nos leva, usualmente, a enxergá-los apenas como cenário para a vida animal e a ignorar o seu papel em importantes processos ecológicos e ambientais (Salatino; Buckeridge, 2016).

A Cegueira Botânica apresenta reflexos que são observados, inclusive, nos ambientes educacionais (Santos; Junior, 2023), onde frequentemente resulta em um ensino desestimulante e pouco significativo dos conteúdos dessa área do conhecimento, em diferentes níveis (Ursi *et al.*, 2018; Santana; Fernandes, 2020). Por exemplo, o ensino de Botânica sofre com a negligência na apresentação e no detalhamento de conceitos, características e exemplos relacionados às plantas, por parte dos professores e nos materiais didáticos (Cunha; Rezende; Saraiva, 2017; Neves; Bündchen; Lisboa, 2019). Além disso, muitas vezes, a Botânica é ensinada com base somente em métodos considerados tradicionais, os quais privilegiam a reprodução e memorização de nomes e definições e desconsideram a importância da construção e integração de conhecimento pelos estudantes (Figueiredo; Coutinho; Amaral, 2012; Ursi *et al.*, 2018). Desse modo, percebe-se a realização predominante de ensino de Botânica a partir de uma abordagem extremamente teórica, desinteressante e descontextualizada (Ursi; Freitas; Vasques, 2021).

Dentre as variadas possibilidades de contextualizar o ensino de Botânica, podemos mencionar o uso de estratégias e recursos didáticos diversificados (Soares-Silva; Ponte; Sampaio, 2022). Nos espaços formais de ensino, por exemplo, pode-se realizar aulas práticas periódicas em laboratório ou em jardins e matas presentes nas escolas e universidades, de forma a propiciar o manuseio e análise detalhada de amostras de plantas vivas ou frescas daquela região particular, pelos estudantes (Corrêa *et al.*, 2016; Borges *et al.*, 2019). Também, a elaboração e manutenção de coleções botânicas e herbários didáticos, compostos por espécimes de diversas espécies de plantas que permanecem armazenados em estantes e armários (Santos, 2013; Andrade *et al.*, 2018). Ainda, cita-se a incorporação de ferramentas tecnológicas digitais, tais como aplicativos para celular, que possibilitam a realização de atividades interativas de identificação de espécies de plantas a partir de imagens (Aguiar; Borges-Nojosa; Vasconcelos, 2022). Por fim, vale destacar a utilização de modelos didáticos ou maquetes relacionadas a estruturas vegetais ou grupos de plantas ensinados nas aulas teóricas (Silveira *et al.*, 2017).

Uma outra opção de recurso potencialmente enriquecedor, para o ensino de conteúdos de Botânica, são as histórias (Zhai; Dillon, 2014). Presentes no nosso cotidiano desde a infância e sob diferentes formatos e temáticas, as narrativas se apresentam em livros literários, revistas em quadrinhos, enredos de filmes, animações, documentários e peças teatrais, dentre outros (Tahan, 1966). As histórias são uma das formas mais naturais para relatar uma determinada experiência e, portanto, construir sentido sobre informações recebidas e vivências, propiciando a construção de conhecimento (Wilwert *et al.*, 2021). Assim, no contexto educacional, essas obras culturais podem auxiliar na construção e consolidação de

conhecimentos científicos, em geral (Salomão *et al.*, 2014), ainda que não tenham sido produzidas com objetivo primário de uso pedagógico.

Portanto, na educação formal, o uso das histórias pode contribuir com o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para o estudante questionar, identificar e relacionar elementos e fenômenos, e assim, elaborar o entendimento de características e importância das plantas, por exemplo, de forma lúdica (Viana; Moraes, 2016). As narrativas entretêm e engajam, não só de forma intelectual, mas também emocionalmente, e tal engajamento pode e deve ser estimulado, em toda a vida escolar e acadêmica, de modo que, quando os alunos associam emoções à aprendizagem, eles obtêm melhor retenção de conteúdos (Agosto, 2013; Wilwert *et al.*, 2021). Para que obtenha sucesso, a aplicação das histórias como recurso para o ensino de Botânica precisa se basear em um repertório mínimo prévio de saberes sobre os seres vivos vegetais e do engajamento ativo dos estudantes na construção ou fixação dos novos conhecimentos trabalhados (Mortimer, 2000; Wilwert *et al.*, 2021).

Diversos estudos demonstraram a relevância do uso de histórias como ferramentas para o processo de ensino-aprendizagem de conteúdos de Ciências Biológicas, como um todo, em diferentes níveis de ensino e a partir de diferentes estratégias (p.ex. Avanzi *et al.*, 2016; Silva; Costa; Rodrigues, 2016; Faria; Dietrich; Gomes, 2018; Almeida *et al.*, 2019; Anjos; Oliveira; Duarte, 2024), bem como para o trabalho com tópicos específicos de Botânica (p.ex. Salomão, 2008; Paz; Marques-De-Souza, 2016; Nascimento *et al.*, 2021; Nascimento *et al.*, 2024). Nesses estudos, as histórias foram aplicadas a partir de variadas abordagens metodológicas, incluindo leitura, contação, adaptação ou encenação de narrativas, dentre outras, para estudantes do Ensino Fundamental à Graduação, com impactos positivos diversos. Por exemplo, Salomão (2008), em sua pesquisa com turmas de 6ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública de Macaé/RJ, utilizou como base a peça teatral Lição de Botânica, escrita por Machado de Assis, para propor aos estudantes: (i) atividades de pesquisa e escrita sobre ciência e linguagem científica, classificações biológicas, funções das flores e famílias botânicas; (ii) montagem e encenação da peça teatral; e (iii) produção de herbário didático com plantas das mediações da escola. A autora relata a promoção de um movimento de significação de vários termos técnicos (tais como ciência, botânica, herbário), melhoria na apropriação da linguagem científica e na capacidade de compreensão de conceitos e participação interessada e atenta dos estudantes nas atividades.

De modo semelhante, Paz e Marques-de-Souza (2016), em abordagem com estudantes do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública de ensino técnico de Mucajaí/RR, orientaram a produção manual e a avaliação de histórias em quadrinhos variadas e referentes a conteúdos sobre classificação vegetal e caracterização das plantas. Os autores observaram aumento na liberdade do uso da linguagem e da aplicação dos conteúdos, por parte dos estudantes, o que possibilitou aprendizagem mais espontânea e dinâmica. Além disso, a ferramenta despertou o interesse dos discentes pela leitura, aguçando sua curiosidade.

Por fim, Nascimento *et al.* (2021), trabalhando com graduandos em Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará (UECE), *Campus* Itaperi, conduziram a criação ou adaptação e

a encenação teatral, pelos estudantes, de roteiros acerca de temas relativos a Fungos, Algas, Briófitas e Pteridófitas. Os autores identificaram que a atividade possibilitou maior compreensão dos assuntos abrangidos, pelos discentes, e concluíram que o recurso roteiros teatrais no ensino de Botânica tornou a aplicação de conceitos mais acessível e se mostrou estimulador da aprendizagem e auxiliar na diminuição da Cegueira Botânica. Dessa forma, os estudos mencionados revelam que a aplicação das narrativas se caracteriza como uma interessante e robusta possibilidade de metodologia ativa, comumente denominada *storytelling* (Wilwert *et al.*, 2021; Bortolazzo, 2024), que coloca o estudante como agente protagonista de sua aprendizagem e formação (Anjos; Oliveira; Duarte, 2024).

Nesse contexto, este trabalho objetivou relatar a produção e a apresentação de encenações de histórias de caráter folclórico e tradicional, as lendas, sobre o surgimento de espécies vegetais de Gimnospermas e Angiospermas, por estudantes da educação básica do interior do Rio Grande do Sul, de modo a demonstrar, em um novo estudo de caso, a importância das narrativas como recurso pedagógico capaz de tornar o processo ensino-aprendizagem em Botânica mais dinâmico e significativo.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Esta experiência foi vivenciada entre 2024-2025, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Sertão, localizado no norte do estado, a aproximadamente 330 km de distância da capital Porto Alegre, com estudantes do 2º ano do curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática (TMSI) integrado ao Ensino Médio. Ao todo, envolveu 84 estudantes, distribuídos em duas turmas no ano letivo de 2024 (somando 34 discentes) e duas turmas no ano letivo de 2025 (somando 50 discentes). As atividades foram propostas durante a abordagem dos conteúdos de Biologia Vegetal no componente curricular Biologia II, em uma parceria com o componente curricular Projeto Integrador II, concomitantemente cursado pelos estudantes. Os componentes curriculares mencionados são ministrados pela primeira e pela última autora deste relato, respectivamente, as quais supervisionaram todas as etapas e contaram com a colaboração de duas discentes (uma graduanda e uma pós-graduada) e de uma outra docente da área das Ciências Biológicas (as demais autoras do trabalho).

As narrativas selecionadas como recurso pedagógico pertencem à categoria das lendas, que podem ser definidas como gêneros discursivos, textuais ou orais, populares, de autores frequentemente desconhecidos, que passam de geração em geração, resgatando a história e a vida de determinada comunidade (Lacerda, 2015). Neste estudo, foram selecionadas lendas acerca da origem de espécies botânicas, a maioria delas provenientes da cultura de povos indígenas. Em geral, essas narrativas de caráter folclórico e tradicional tratam de temas que fascinam as pessoas, podendo representar um importante instrumento paradidático para despertar a simpatia e o interesse dos jovens por plantas, demonstrando aspectos culturais históricos (Salatino; Buckeridge, 2016). Além disso, como em muitos casos também trazem aspectos morfológicos e outras propriedades dos vegetais, contribuem para o reconhecimento de espécies úteis e suas características (Salatino; Buckeridge, 2016). Sendo assim, no presente trabalho, as lendas serviram como recurso

contextualizador da presença das plantas no nosso cotidiano e na cultura humana. Deixou-se claro aos estudantes a abordagem científica atual sobre a origem e a evolução dos grupos vegetais; entretanto, apesar do enredo com características fictícias, as histórias representadas se mostraram potencialmente relevantes como apoio para o processo ensino-aprendizagem de espécies economicamente e culturalmente importantes, conforme relatado adiante.

Em todas as turmas, os estudantes foram separados em grupos de quatro a cinco pessoas (com exceção de uma dupla e um trio). Cada grupo deveria escolher uma das espécies vegetais de Gimnospermas ou Angiospermas tratadas nas lendas disponibilizadas, que incluíram: ipê, araucária, vitória-régia, mandioca, açaí, milho, guaraná, girassol, erva-mate e café (optou-se por utilizar os nomes populares das plantas, ao longo deste manuscrito, exceto em alguns trechos específicos). Os textos das lendas foram obtidos e selecionados a partir de fontes diversas na internet (p.ex. http://www.ufmg.br/ciencianoar), tendo sido impressos e entregues a cada grupo de estudantes, acompanhados de um roteiro para guiar a atividade.

A estratégia metodológica empregada para a utilização das lendas foi a encenação, ao vivo ou gravada em vídeo (à escolha dos grupos nas turmas de 2024), ou somente sob a forma de vídeo (para as turmas de 2025), tendo os estudantes como personagens e/ou narradores. As encenações deveriam abordar os eventos narrados na lenda original e incluírem informações biológicas e culturais adicionais, atuais e relevantes sobre a espécie foco.

As etapas solicitadas aos discentes e confeccionadas por eles abrangeram (i) pesquisa bibliográfica sobre a espécie selecionada (nome científico, características morfológicas marcantes, aplicações ou formas de uso das plantas no cotidiano dos seres humanos); (ii) redação do roteiro final da encenação; (iii) preparação da apresentação (obtenção de figurino, cenário, ensaios, elaboração e gravação dos vídeos, quando foi o caso); e (iv) exibição das apresentações ao vivo ou em vídeo. O tempo de preparação da atividade pelos grupos foi de aproximadamente três semanas, sendo que alguns períodos de aulas foram destinados a isso, além do trabalho extraclasse realizado pelos estudantes. A duração solicitada para as encenações foi de 5 a 10 minutos, sendo a utilização do tempo um dos critérios avaliados.

De modo a melhor compreender os pontos positivos e negativos gerais da metodologia adotada, bem como os efeitos da mesma no engajamento dos estudantes na aprendizagem, na semana seguinte das apresentações, foi realizado, junto aos discentes, um questionário contendo questões sobre o recurso (histórias do gênero lenda) e a estratégia pedagógica (encenação, em sentido amplo) utilizados (Quadro 1). Os estudantes foram devidamente informados que as respostas às questões seriam utilizadas estritamente para fins de avaliação e reflexão sobre os procedimentos empregados, e sua participação seria de forma voluntária e anônima. Sendo assim, e considerando, ainda, que a participação dos estudantes nas atividades propostas e nas respostas ao questionário apresenta riscos ausentes ou não identificados, não foi aplicado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As imagens apresentadas neste trabalho foram editadas, de modo a preservar a identidade dos estudantes presentes nas fotografias.

**Quadro 1 -** Questionário de avaliação da atividade de encenação de lendas botânicas, aplicado aos estudantes.

| |
|---|
| 1) Você já conhecia alguma lenda de origem de plantas, antes do desenvolvimento desta atividade? Se sim, como conheceu e de qual tipo de plantas?<br>( ) Sim._____<br>( ) Não.<br>2) Durante o desenvolvimento da atividade, vocês encontraram dificuldades em realizar alguma das etapas? Se sim, descreva com alguns detalhes que tipo de dificuldade encontraram.<br>( ) Sim, na elaboração do roteiro._____<br>( ) Sim, na encenação/gravação do roteiro._____<br>( ) Não encontramos dificuldades, em geral.<br>3) Você considera que o trabalho de encenação da lenda auxiliou na sua compreensão das características da espécie estudada pelo seu grupo e de Botânica, de modo geral?<br>( ) Sim.<br>( ) Não.<br>( ) Foi indiferente, na minha opinião.<br>4) Você considera que o trabalho de encenação da lenda tornou o aprendizado de Botânica mais interessante e divertido? Comente, se quiser.<br>( ) Sim._____<br>( ) Não._____<br>5) Como um todo, que nota (1 a 10) você atribui à atividade de encenação/gravação das lendas de origem das plantas? Deixe comentários e sugestões gerais para podermos melhorar a atividade nas próximas versões.<br>Nota ( ). Comentários/Sugestões:_____ |

Fonte: Medeiros (2024).

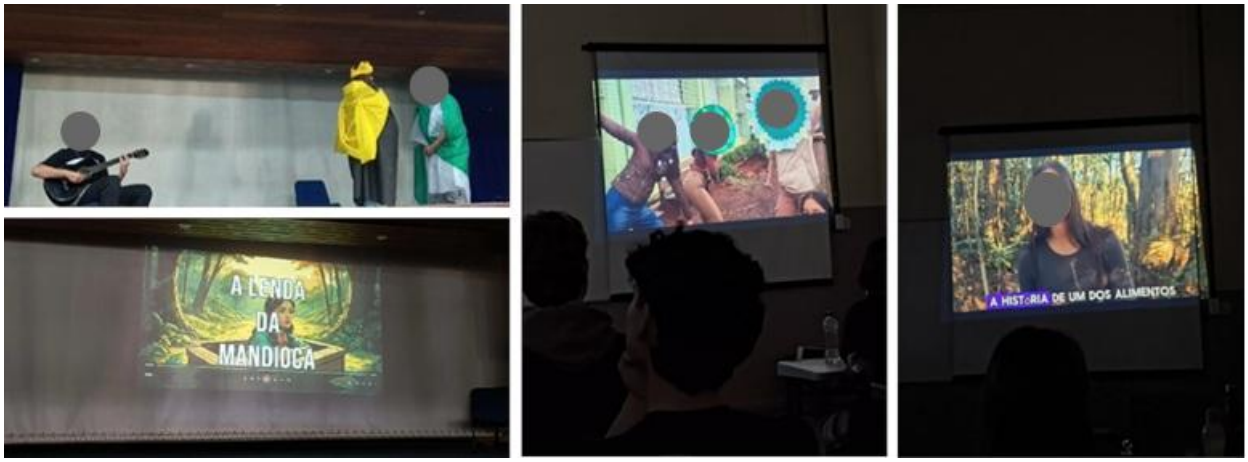
## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram produzidas e apresentadas, no total, 21 encenações, sendo 9 realizadas em 2024 e 12 em 2025. Todas as espécies vegetais abordadas nas histórias disponibilizadas foram trabalhadas pelos grupos, algumas delas mais repetidas do que outras, em razão do número de estudantes e grupos em cada turma – as espécies erva-mate (*Ilex paraguariensis* A.St.-Hil.) e araucária [*Araucaria angustifolia* (Bertol.) Steud.], dada a relevância regional e presença marcante das plantas no cotidiano dos estudantes, de modo geral, foram encenadas por três grupos, cada. As demais espécies (ipê, vitória-régia, mandioca, açaí, milho, guaraná, girassol e café) foram apresentadas pelo menos uma vez ao longo dos dois anos.

No momento da divisão dos grupos, observou-se que os estudantes apreciaram todas as opções, sem preferências marcantes, no geral. Mesmo as espécies aparentemente menos conhecidas por eles, dada a distância geográfica do local onde vivem, como as amazônicas vitória-régia e açaí, por exemplo, receberam interesse por parte dos discentes. Para os grupos que se encarregaram dessas espécies, notou-se que a etapa de pesquisa bibliográfica sobre dados biológicos e de usos das plantas contribuiu para a aproximação dos estudantes com os táxons. Para os demais, o momento da exibição dos trabalhos e a discussão posterior, em aula, possibilitou tal conexão.

Em relação ao formato de apresentação das narrativas, uma encenação foi realizada ao vivo pelos estudantes e 20 foram gravadas em vídeo a partir da atuação e/ou narração dos discentes – as apresentações foram exibidas para as turmas no auditório do *campus*, em 2024, e nas salas de aula, em 2025 (Figura 1).

**Figura 1 -** Apresentação das encenações sobre espécies vegetais ao vivo ou em vídeo gravado pelos grupos de estudantes.




Fonte: Neitzke (2024, 2025).

Sobre o desempenho dos estudantes nos diferentes formatos de apresentação de seus trabalhos, notou-se que a encenação realizada ao vivo, optada por um dos grupos, apresentou maior caráter de improviso e foi realizada em tempo menor que o planejado, mesmo assim obteve o interesse dos espectadores. Já as gravações de vídeos com a participação dos discentes como personagens e/ou narradores (com permissão de inclusão de curtos trechos de animação ou montagem de imagens, à escolha de cada grupo), destacou maior engajamento dos mesmos na realização e na apreciação dos trabalhos, como um todo, e maior envolvimento com o conteúdo abordado. Uma observação que vale ser destacada, em relação às turmas de estudantes de 2025, refere-se à afinidade, facilidade e bom desempenho dos discentes com a produção de vídeos, demonstrada em outros momentos da sua trajetória estudantil no campus. Por conta disso, a proposição da atividade nesse segundo ano, exclusivamente por meio desse formato de exibição, revelou-se uma oportunidade adequada para explorar essa qualidade a favor da estratégia empregada (encenação) e do aprendizado acerca da Biologia Vegetal. Além disso, as apresentações por meio de vídeos também se mostraram pertinentes ao perfil do curso técnico em questão, de modo geral, o qual está inserido na grande área da informática, em que os profissionais e futuros profissionais lidam em seu cotidiano com as denominadas tecnologias de informação e comunicação (TICs), atualmente reconhecidas como eficazes ferramentas pedagógicas (p.ex. Bezerra-Silva *et al.*, 2022; Vitória *et al.*, 2022), como aqui confirmado.

Para a análise e reflexão acerca do recurso didático aplicado neste estudo de caso, as histórias do gênero lendas, considerou-se as respostas dos estudantes ao questionário avaliativo. Desse modo, observou-se que, dos 69 estudantes que responderam às questões (os quais somam 82% do total de participantes), 41 (ou seja, 60% do total de respondentes) relataram não conhecerem, previamente, lendas sobre a origem de plantas, enquanto 28 (40% dos respondentes) relataram conhecerem-nas (Quadro 1, Questão 1). Estes últimos indicaram que conheceram as lendas de origem de erva-mate, mandioca, guaraná, vitória-régia ou café, na maioria dos casos, em suas escolas de Ensino Fundamental, CTGs (Centros de Tradições Gaúchas) ou pela televisão. Algumas das respostas não especificaram onde ou em que contexto os estudantes

conheceram as histórias. Esse resultado demonstra que as lendas botânicas, enquanto possibilidade de recurso paradidático em Ciências ou Biologia, ainda podem ser mais amplamente aplicadas e divulgadas às crianças e jovens, pelo menos no contexto local/regional da realização deste estudo, tendo em vista a sua utilidade para demonstrar características e propriedades importantes das variadas espécies vegetais abordadas (Salatino; Buckeridge, 2016).

As lendas podem ser acessadas pelas pessoas de diversas maneiras. Além da tradição da oralidade para a sua contação e transmissão por gerações, atualmente elas estão disponíveis sob a forma de textos e de obras audiovisuais em diversos formatos na internet. Conforme mencionado anteriormente, neste trabalho, optou-se pelas lendas sob a forma de textos, como base para a elaboração do trabalho dos estudantes, os quais também tiveram que elaborar roteiros finais da encenação, adicionando as informações pesquisadas sobre as espécies de trabalho nas narrativas iniciais e modificando-os conforme necessidade do grupo. A incorporação do gênero textual na aprendizagem de Botânica aqui relatada vai de encontro a observações de contribuições positivas na utilização de textos, de uma maneira interdisciplinar, na abordagem de conteúdos científicos (Silva; Souza; Fireman, 2020). Conforme estes autores, leitura e escrita, quando bem empregadas por professores, permitem a inovação nas práticas escolares e uma melhor compreensão pelos alunos do quanto a Ciência está presente na sua vida, na sociedade e no ambiente em que vivem. Nesse sentido, buscou-se promover, por meio do trabalho em grupo a partir de textos, a reflexão e a troca de ideias entre os estudantes, o estímulo à curiosidade acerca das espécies vegetais focadas e a construção de saberes de modo mais interativo. Além disso, por se tratar de lendas, há um ganho adicional, por serem um material rico como ponto de partida para a compreensão do pensamento de sociedades e culturas particulares (Ribeiro; Almeida, 2025), como é o caso das narrativas de origem indígena para explicar o surgimento das plantas (Salatino; Buckeridge, 2016).

Em relação à estratégia metodológica utilizada, a encenação, e em termos de execução das tarefas relacionadas a ela, 46 estudantes respondentes do questionário (67% destes) relataram alguma dificuldade na elaboração e/ou gravação do roteiro final (Quadro 1, Questão 2). Dos 12 discentes respondentes (17% destes) que assinalaram dificuldades na elaboração do roteiro final, partiram observações principalmente relacionadas à falta de criatividade na complementação da narrativa da lenda disponibilizada, com as informações biológicas e de uso das plantas pesquisadas, e à pouca participação de alguns colegas de grupo. Já dos 39 estudantes respondentes (56% destes) que assinalaram dificuldades na gravação do roteiro final, a descrição das dificuldades abrangeu a escolha da locação e do cenário, as múltiplas tentativas de gravação devido aos erros nas falas, alguns problemas específicos com aplicativos de edição de vídeo, a pouca participação de parte dos colegas de grupo e as condições meteorológicas durante o período de gravações ("*semanas chuvosas*") em que todos os componentes do grupo estavam presentes, principalmente. Apesar de todas as colocações dos estudantes em relação aos desafios para montagem das encenações, o resultado observado em relação ao texto dos roteiros e à qualidade dos elementos audiovisuais das apresentações, em sua maioria, foi bastante positivo, ressaltando-se a diversidade de materiais, instrumentos e elementos

imagéticos e de sonorização utilizados por diferentes grupos para enriquecer a versão final exibida. Especificamente sobre os "*erros de gravação*" indicados por alguns estudantes no questionário, ocorreu que parte dos grupos inseriu uma seção extra em sua apresentação em vídeo contendo alguns desses momentos, que foram divertidos e comentados pelos demais colegas, no momento da exibição em aula, e que permitiram acessar um pouco melhor como se deu o processo de elaboração e montagem do trabalho final pelos grupos.

Nas próximas duas questões do questionário, visando a análise acerca da encenação das lendas como estratégia aplicada ao processo ensino-aprendizagem de Botânica, especificamente (Quadro 1, Questões 3 e 4), obteve-se que 57 discentes (82% dos respondentes) assinalaram que a atividade auxiliou a compreensão das características da espécie estudada e de Botânica em geral, 11 discentes (15% dos respondentes) assinalaram que a atividade foi indiferente nesse aspecto e uma discente (1,4% dos respondentes) assinalou que a atividade não auxiliou a compreensão do tema (Quadro 1, Questão 3). Já acerca da encenação como meio de trabalho para tornar o aprendizado de Botânica mais interessante e divertido (Quadro 1, Questão 4), 65 estudantes (94% dos respondentes) assinalaram que "*Sim*", a atividade atingiu esse objetivo. Dessa porcentagem, em síntese, os que comentaram a questão indicaram que o trabalho foi "*engraçado*", "*leve*", "*diferente*", "*dinâmico*" e "*divertido, apesar de trabalhoso*" (transcrição de termos atribuídos por parte dos estudantes). Os quatro discentes (6% dos respondentes) que assinalaram que a atividade não atingiu o objetivo de tornar o aprendizado de Botânica mais interessante e divertido comentaram, em termos gerais, que foi muito trabalhoso fazer a encenação, tirando um pouco o foco da aprendizagem.

As respostas dos estudantes a essas duas questões e os seus comentários levam a algumas reflexões possíveis acerca da utilização das narrativas no ensino por meio da elaboração de encenações, no nosso estudo de caso. Primeiramente, em relação à Questão 3, destaca-se que o trabalho detalhado de pesquisa sobre nomenclatura, morfologia e propriedades relevantes de espécies botânicas, bem como a inclusão dessas informações em um roteiro escrito e representado pelos discentes atendeu a expectativa inicial de fazê-los fixar e melhor compreender conceitos específicos do conteúdo programático de Biologia no Ensino Médio, no geral. Isso parece ter ocorrido não só pela dedicação individual dos estudantes no estudo desses dados por mais tempo do que ocorreria se fossem abordados somente em alguns períodos de aulas teóricas regulares, mas também pelo trabalho em equipe que demandou ensaios, gravações e repetidos ajustes nos textos e falas da encenação produzida. Entretanto, há que se considerar que nem todos os estudantes respondentes confirmaram que a atividade os auxiliou na compreensão das plantas e de Botânica, como um todo, o que pode se dever tanto a opinião e gosto particular desses discentes pelo tipo de atividade proposta ou mesmo pelo conteúdo em si, quanto a outros aspectos não identificados do modo de condução das etapas realizadas.

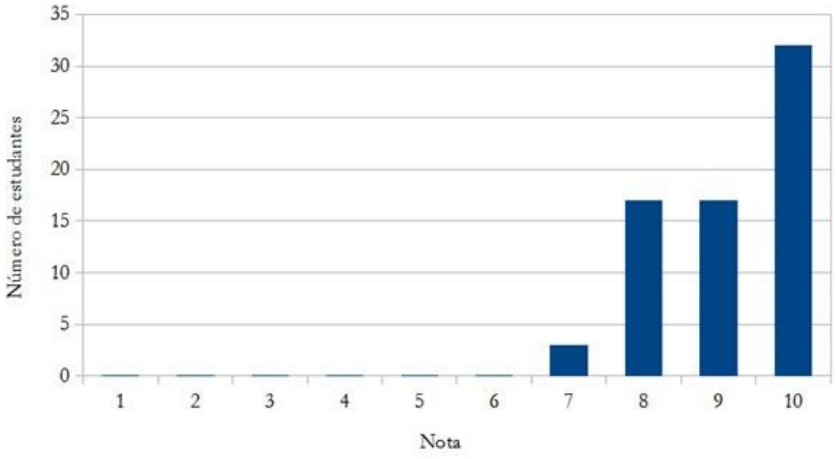
A utilização da teatralização como meio para a abordagem de conceitos científicos tem sido realizada há décadas em espaços de educação formal e não formal (Cavalcante; Barbosa; Silva, 2021). Em sua execução mais tradicional, denominada "teatro científico" ou "teatro de temática científica", abarca de espetáculos com foco em conceitos científicos específicos a trabalhos artísticos com inspiração nas ciências e em seus conflitos (Pinto; Moreira, 2020). Os enredos do teatro científico são de caráter mais realista, diferentemente dos

trabalhados no presente estudo de caso (ainda que as lendas tenham sido apresentadas juntamente com informações biológicas formais e atuais sobre as espécies em questão); entretanto, o potencial da metodologia de dramatização relatado nos trabalhos de diferentes autores que empregaram o teatro científico em ambientes de educação formal de Biologia (p.ex. Nascimento *et al.*, 2021; Santos; Souto; Nápolis, 2023; Nascimento *et al.*, 2024) é tangente e comum ao aqui observado. Por exemplo, Santos, Souto e Nápolis (2023) descrevem que as peças teatrais sobre animais ameaçados desenvolvidas por estudantes do Ensino Médio em escola no estado do Piauí contribuíram para a assimilação de novos conhecimentos e competências relacionadas ao tema. A ludicidade e a interatividade também são aspectos positivos da teatralização de conceitos relacionados aos grupos de seres vivos estudados na Botânica que foram vivenciados por estudantes de Graduação do Ceará, durante a produção de esquetes, conforme descrito por Nascimento *et al.* (2024).

A ludicidade, interatividade e leveza comumente atribuídas à produção de encenações, de modo mais amplo (Jacinto-Junior *et al.*, 2021), se confirmam na maioria das respostas dos estudantes à Questão 4 do questionário, especialmente quando se observa os adjetivos que parte deles atribuiu à atividade desenvolvida. Nesse sentido, pode-se expandir a reflexão para os benefícios da interação entre arte e ciência, no contexto educacional. Metodologias lúdico-artísticas desenvolvem habilidades diversificadas (que incluem expressão por meio de música, dança, pintura, escultura, teatro, literatura, cinema, história em quadrinhos, jogos eletrônicos e arte digital), socialização de conhecimentos e incentivam a criatividade; tais aspectos importantes ainda podem ser considerados inovadores no ensino de Botânica, apesar de toda a sua potencialidade (Edson-Chaves; Lemos, 2022). Sá e Filho (2016) afirmam que o ensino de ciência, como um todo, deve utilizar dos recursos e estratégias artísticas variadas para promover a aprendizagem dos estudantes, de modo a aliar o conteúdo disciplinar à cultura mais geral, em uma combinação de saberes que aproxima e aumenta a compreensão dos conteúdos científicos por parte dos alunos. Sobre os comentários de alguns discentes acerca de a atividade de encenação ser trabalhosa, tal observação já foi apontada em outros estudos de caso na literatura, tanto por discentes quanto por docentes envolvidos com essa metodologia (Sá; Filho, 2016; Nascimento *et al.*, 2024). No entanto, os ganhos pedagógicos resultantes da implementação de uma metodologia ativa em um contexto de ludicidade, como é o caso da dramatização, se sobressaem (Sá; Filho, 2016; Nascimento *et al.*, 2024).

De modo geral, acredita-se que a encenação das lendas botânicas apresentada neste estudo tenha sido uma experiência bem-sucedida nas turmas em que foi aplicada, o que foi corroborado pelas respostas dos estudantes à última questão do questionário avaliativo (Quadro 1, Questão 5), em que todos os 69 estudantes respondentes do questionário atribuíram uma nota geral superior a 7 pontos à atividade (Figura 1), no intervalo solicitado de 1 a 10 pontos.

**Figura 1 -** Notas atribuídas pelos estudantes respondentes do questionário à atividade de encenação das lendas de origem das plantas.




Fonte: Medeiros (2025).

Tal percepção confirmou-se na maioria dos comentários positivos deixados por parte dos estudantes, como nos seguintes exemplos: (i) "*A atividade é bem legal e criativa*"; (ii) "*A ideia é interessante e divertida*"; (iii) "*Gostei muito, pois além de nos divertirmos, aprendemos juntos*"; (iv) "*Uma atividade que envolve participação, colaboração e criatividade é muito bom para o aprendizado*"; e (v) "*Foi interessante, pois além de aprender sobre conceitos de Botânica, foi incentivado o uso da criatividade e do trabalho em equipe*" (transcrições dos comentários de alguns discentes). Esses comentários reforçam aspectos positivos da criatividade e interatividade característicos da implementação de metodologia lúdico-artística para o ensino da Biologia Vegetal, discutidos anteriormente.

Entretanto, vale destacar algumas críticas, construtivas, deixadas por parte de outros estudantes, as quais podem contribuir com a realização de novas versões da atividade em turmas posteriores. Por exemplo: (i) "*Fazer de modo que foque mais no aprendizado da botânica*"; (ii) "*Sou muito tímida, mas gostei da atividade*"; (iii) "*Legal, mas trabalhoso*"; (iv) "*Gosto da atividade, porém é muito trabalhoso e algumas pessoas não cooperam como deveriam*"; e (v) "*Sugiro lendas de tamanhos iguais entre os grupos*" (transcrições dos textos de estudantes). A partir desses comentários, itens como a inclusão de reunião de discussão do texto e a inclusão de oficina preparatória com cada um dos grupos e as docentes devem ser considerados em futuras aplicações da abordagem empregada. Neste trabalho, os grupos foram acompanhados durante toda a etapa de preparação da atividade pelas estudantes monitoras e as docentes regentes, especialmente na solução de dúvidas e com as orientações gerais de construção de cada etapa solicitada, mas a atenção individualizada a cada grupo parece importante para alguns estudantes que apresentam maior dificuldade com tarefas como adaptação do texto inicial para a encenação e a inclusão das informações específicas das plantas pesquisadas na elaboração do roteiro final. Contudo, é importante ressaltar, mais uma vez, que a qualidade dos roteiros finais produzidos pelos grupos, como um todo, foi apropriada e suficiente para a transmissão das informações requeridas para a aprendizagem dos conceitos trabalhados para cada espécie de planta, o que foi essencial para o bom desfecho da atividade, em geral.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência relatada no presente estudo de caso, analisado à luz de variados estudos prévios realizados por diferentes autores, e diante do cenário predominante de pouco interesse e percepção em relação às plantas, como um todo (a referida "cegueira botânica"), evidencia-se a relevância de novas discussões sobre possibilidades pedagógicas capazes de aproximar a Botânica dos estudantes e de seus professores, fazendo que o processo de ensino-aprendizagem seja mais motivador. As plantas, bem como seu ensino, precisam ser valorizadas nas Ciências Biológicas e áreas afins, de um modo geral. Neste contexto, experiências inéditas de implementação de metodologias ativas e diferenciadas vêm a contribuir com a realização do ensino contextualizado e capaz de promover maior interesse e participação dos estudantes.

Neste trabalho, destaca-se o potencial das narrativas enquanto recurso didático enriquecedor do processo ensino-aprendizagem, bem como das metodologias lúdico-artísticas, em geral. Novas abordagens e estudos de caso devem ser elaborados, de modo a ampliar a amostragem a um número maior de turmas e estudantes pertencentes a variadas realidades locais ou regionais, ampliando as contribuições para o ensino de Botânica e Ciências Biológicas, como um todo.

**Agradecimentos**

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, pela oportunidade e o apoio para o desenvolvimento do projeto de ensino "Utilização de histórias como recurso didático no ensino de Botânica" e pela bolsa concedida a Elisane L. Neitzke, por meio do edital IFRS nº 24/2023. Aos estudantes Otávio Franco e Roger Silva, por acompanharem e apoiarem os trabalhos das turmas de 2025, como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

## REFERÊNCIAS

AGOSTO, D. E. If I had three wishes: the educational and social/emotional benefits of oral storytelling. **Storytelling, Self, Society**, v. 9, n. 1, p. 53-76, 2013.

AGUIAR, W. P.; BORGES-NOJOSA, D. M.; VASCONCELOS, F. H. L. Aplicativos móveis utilizados no ensino de Biologia: uma revisão sistemática de literatura. **Vitruvian Cogitationes**, v. 3, n. 1, p. 94-113, 2022.

ALMEIDA, E. F. *et al.* Cinema e biologia: a utilização de filmes no ensino de invertebrados. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 12, n. 1, p. 3-21, 2019.

ANDRADE, P. A. *et al.* O uso da confecção de exsicatas para o ensino de Botânica no Ensino Fundamental. **Revista de Educación en Biología**, número extraordinário, p. 675-681, 2018.

ANJOS, B. M.; OLIVEIRA, L. E. G.; DUARTE, A. C. S. Era uma vez… O *Storytelling* como metodologia ativa para o ensino de Embriologia. **Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática**, v. 8, n. 2, p. 215-242, 2024.

ASSIS, M. Lição de Botânica. In: **Obras Completas de Machado de Assis – Teatro**. São Paulo: Ed. Globo, 1997, p. 225-248.

AVANZI, M. R. *et al.* A literatura reencantando a Biologia: uma proposta de encontro entre leitura e ciências. **Revista da SBEnBio**, n. 9, p. 1996-2005, 2016.

BEZERRA-SILVA, A. *et al.* Análise de aplicativos educacionais como recursos de apoio pedagógico para o ensino de botânica no ensino médio. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, n. 15, v. 34, e18000. DOI: http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v15i34.18000, 2022.

BORGES, B. T. *et al.* Aulas práticas como estratégia para o ensino de Botânica no Ensino Fundamental. **ForScience: revista científica do IFMG**, v. 7, n. 2, p. 2-14, 2019.

BORTOLAZZO, S. F. Storytelling: entre usos, benefícios e aprendizagens. **Ensino em Re-Vista**, v. 31, p. 1-24, 2024.

CAVALCANTE, L. N. I.; BARBOSA, M. L. O.; SILVA, J. R. F. Revisão sistemática de literatura sobre a relação do teatro com o ensino de Ciências e Biologia no período de 2010 a 2019. **ACTIO: Docência em Ciências**, v. 6, n. 1, p. 1-24, 2021.

CORRÊA, B. J. S. *et al.* Aprendendo Botânica no Ensino Médio por meio de atividades práticas. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio,** v. 9, p. 4314-4324, 2016.

CUNHA, N. C.; REZENDE, J. D. L. P.; SARAIVA, I. S. (2017). Análise do conteúdo de botânica nos livros didáticos do Ensino Fundamental. **Argumentos Pró-Educação**, v. 2, n. 6, p. 493-513, 2017.

EDSON-CHAVES, B.; LEMOS, V. O. T. O ensino de Botânica através de metodologias lúdicas artísticas. In: PEDRINI, A. G.; URSI, S. (org.). **Metodologias para ensinar botânica**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. p. 180-201.

EVERT, R. F.; EICHHORN, S. E. **Raven - Biologia vegetal**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2013.

FARIA, L. H. P.; DIETRICH, A. M.; GOMES, V. M. S. A contação de história como instrumento de mediação para o ensino de Ciências a estudantes do Ensino Fundamental. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, v. 10, n. 20, p. 230-250, 2018.

FIGUEIREDO, J. A.; COUTINHO, F. A.; AMARAL, F. C. O ensino de Botânica em uma abordagem ciência, tecnologia e sociedade. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, Anais do II Seminário Hispano Brasileiro, São Paulo, p. 488-498, 2012.

JACINTO-JUNIOR, S. G. *et al.* O ensino de Ciências Naturais na educação básica por meio de atividades lúdicas: Uma revisão da literatura. **Research, Society and Development,** v. 10, n. 6, e16110614643-e16110614643, 2021.

LACERDA, N. A. O gênero textual Lenda: fantasiando a imaginação de alunos em processo de alfabetização e letramento. **Anais do IV COGITE – Colóquio sobre Gêneros & Textos**, p. 459-471, 2015.

MORTIMER, E. **Linguagem e Formação de Conceitos no Ensino de ciências**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

NASCIMENTO, P. A. S. *et al.* Análise de roteiros teatrais aplicados no ensino de Criptógamas em um curso de Ciências Biológicas no Município de Fortaleza-CE. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, e34310313279, 2021.

NASCIMENTO, P. A. S. *et al.* Por detrás das cortinas: abordagem metodológica de botânica no ensino superior em atos. **Revista Docência do Ensino Superior**, v. 14, e048371, 2024.

NEVES, A.; BÜNDCHEN, M.; LISBOA, C. P. Cegueira botânica: é possível superá-la a partir da Educação? **Ciência & Educação**, v. 25, p. 745-762, 2019.

PAZ, I. N; MARQUES-DE-SOUZA, J. Utilização de História em Quadrinhos como ferramenta de avaliação no processo de ensino-aprendizagem de Botânica no Clube de Ciências. **Boletim do Museu Integrado de Roraima**, v 10, n. 1, p. 10-19, 2016.

PEDRINI, A. G.; URSI, S. (org.). **Metodologias para ensinar botânica**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

PINTO, G. A.; MOREIRA, L. M. O teatro na pesquisa em ensino de ciências. **Revista Areté. Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, v. 12, n. 26, p. 126 – 141, 2020.

RIBEIRO, D. A. E.; ALMEIDA, J. J. P. Lendas no ensino de Matemática: uma abordagem a partir da História da Matemática. **Revista Ensino em Debate**, v. 5, e2025002, 2025.

SÁ, M. B. Z.; FILHO, O. S. Possíveis diálogos entre arte e ciência como forma de promover a educação e cultura científicas. **Anais do XVIII Encontro Nacional de Ensino de Química-SC**, Florianópolis, 2016.

SALATINO, A.; BUCKERIDGE, M. "Mas de que te serve saber botânica?". **Estudos Avançados**, v. 30, n. 87, p. 177-96, 2016.

SALOMÃO, S. R. Lições da Botânica: O Texto Literário no Ensino de Ciências. **Ciência em Tela**, v. 1, n. 1, p. 1-9, 2008.

SALOMÃO, S. R. *et al.* Ensino de Ciências na Educação Infantil e séries iniciais: as histórias nos ajudam a saber. In: AYRES, A. C. M.; CASSAB, M.; TAVARES, D. L. (Orgs.). **Ao Longo de toda a vida: conhecer, inventar e compreender o mundo.** Curitiba: Ed. Prismas, 2014.

SANTANA, G. T.; FERNANDES, G. W. R. O ensino de Botânica na Educação Básica e possíveis métodos para o aprimoramento da aprendizagem. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 11, n. 6, p. 571-590, 2020.

SANTOS, M. C. F. Coleções biológicas para o ensino de ciências: o Herbário Didático do Instituto de Aplicação da UERJ. **Cadernos do Aplicação**, v. 26, n. 1, p. 11-18, 2013.

SANTOS, M. I.; JUNIOR, A. S. M.. A Botânica no ensino médio: análise da percepção ambiental e cegueira botânica em alunos de uma escola pública da Amazônia paraense. **Scientia Plena**, v. 19, 034405, 2023.

SANTOS, L. S.; SOUTO, W. M. S.; NÁPOLIS, P. M. M. Teatro científico como uma estratégia metodológica para o estudo dos animais. **Revista Ciências & Ideias,** v. 14, p. e23142158, 2023.

SILVA, E. P.; COSTA, A. B. S.; RODRIGUES, F. B. Discurso e meta-discursos sobre a teoria evolutiva: a leitura da *Náquel náusea* em um curso de Ciências Biológicas. **Revista Temporis[ação]**, v. 16, n. 2, p. 223-241, 2016.

SILVA, T. A.; SOUZA, S. P.; FIREMAN, E. C. Gêneros textuais no ensino de ciências: levantamento dos estudos publicados em revistas especializadas (2008-2018). **Revista Ciências & Ideias,** v. 11, p. 185-200, 2020.

SILVEIRA, A. P. *et al.* Caráter pedagógico científico e artístico de modelos didáticos de flor e folha: percepção de atuais e futuros professores da educação básica. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 10, n. 1, p. 57-71, 2017.

SOARES-SILVA, J. P.; PONTE, M. L.; SAMPAIO, D. Práticas de ensino de Botânica com enfoque em taxonomia e sistemática filogenética. **Terrae Didatica**, v. 18, p. 1-9, 2022.

TAHAN, M. **A arte de ler e contar histórias.** 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.

URSI, S. *et al.* Ensino de Botânica: conhecimento e encantamento na educação científica. **Estudos avançados**, v. 32, p. 07-24, 2018.

URSI, S.; FREITAS, K. C.; VASQUES, D. T. Cegueira Botânica e sua mitigação: um objetivo central para o processo de ensino-aprendizagem de Biologia. In: VASQUES, D. T.; DE FREITAS, K. C.; URSI, S. (Orgs.) **Aprendizado ativo no ensino de Botânica.** São Paulo: Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo. p. 12-30, 2021.

VIANA, C. C.; MORAES, M. A. A contação de histórias no ensino de ciências para o primeiro ano do ensino fundamental. **Anais eletrônicos do 15º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia**. Florianópolis, 2016.

VITÓRIA, N. J. V. *et al.* Que árvore é essa? Uso de QR Code no ensino de botânica. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 16, e15111637681, 2022.

WANDERSEE, J. H.; SCHUSSLER, E. E. Toward a theory of plant blindness. **Plant Science Bulletin**, v. 47, p. 2-9, 2002.

WILWERT, M. L. *et al.* Revisão sistemática de estudos sobre a contação de histórias (*storytelling*) como facilitadora da aprendizagem no ensino fundamental. **Cadernos de Educação**, n. 65, p.1-19, 2021.

ZHAI, J.; DILLON, J. Communicating science to students: investigating professional botanic garden educators' talk during guided school visits. **Journal of Research in Science Teaching**, v. 51, n. 4, p.407-429, 2014.